



O ENSINO DE YOGA PARA PESSOAS SURDAS MEDIADO POR INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS

Tarcisio de Arantes Leite

Universidade Federal de Santa Catarina
tdaleite@gmail.com

Monica Auga Dias Leite

Universidade Federal de Santa Catarina
monicauga@gmail.com

Resumo

Objetivo: apresentar as reflexões emergentes em uma experiência de ensino de yoga para pessoas surdas mediada por interpretação na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Método: em 2019, seguindo um modelo de pesquisa-ação, promovemos práticas de yoga com uma professora falante de português apoiada por um intérprete de Libras. Na medida em que desafios eram encontrados, refletíamos sobre eles e experimentávamos alternativas em aulas subsequentes. Resultados: questões que exigiram adequações foram: a criação de sinais para posturas; o posicionamento da professora para favorecer sua visibilidade; demandas sobre a atenção visual dos alunos; estratégias para a interação direta entre a professora e os alunos; a sincronização das posturas; e a prática de mantras orais. Conclusão: embora a interpretação em Libras tenha se mostrado crucial para o desenvolvimento das aulas, nossa experiência revelou que a adaptação do ensino do yoga para pessoas surdas suscita não apenas considerações tradutórias/linguísticas, mas também perceptuais e identitárias.

Palavras-chave: Yoga; Língua de Sinais; Interpretação em Libras; Surdez; Deficiência Auditiva.

TEACHING YOGA FOR DEAF PEOPLE MEDIATED BY LIBRAS INTERPRETING

Abstract

Objective: our goal is to present what we have learned from our experience of teaching yoga to deaf students through the intermediation of sign language interpreting. Method: in 2019, working within an action-research framework, we held weekly yoga sessions conducted by a Portuguese-speaking instructor assisted by a Libras interpreter. As challenges were encountered, they were reflected upon and alternatives were adopted in subsequent sessions. Results: issues which required adjustments were: the creation of signs for postures; the positioning of the teacher and interpreter for greater visibility; demands on the visual attention of students; strategies for the direct interaction between the instructor and deaf learners; the synchronization of postures; and the practice of oral mantras. Conclusion: although interpreting and linguistic issues were as expected a crucial concern in developing the classes, our experience revealed that adapting yoga teaching methods to a deaf public also brings into relief perceptual and identity considerations.

Key words: Yoga; Sign Language; Libras Interpreting; Deafness; Hearing Loss.

LA ENSEÑANZA DE YOGA PARA SORDOS MEDIADA POR INTERPRETACIÓN EN LIBRAS

Resumen

Objetivo: presentar reflexiones emergentes en una experiencia de enseñanza de yoga para sordos mediada por la interpretación en Lengua de Señas Brasileña (Libras). Método: en 2019, siguiendo un modelo de investigación-acción, promovimos prácticas de yoga con una profesora de habla portuguesa apoyado por un intérprete de Libras. A medida que se encontraron desafíos, reflexionamos sobre ellos y experimentamos con alternativas en clases posteriores. Resultados: los temas que requirieron ajustes fueron: la creación de señas para posturas; la posición de la maestra para favorecer su visibilidad; demandas de atención visual de los estudiantes; estrategias para la interacción directa entre profesora y alumnos; la sincronización de posturas; y la práctica de mantras orales. Conclusión: aunque la interpretación en Libras ha resultado crucial para el desarrollo de las clases, nuestra experiencia reveló que la adaptación de la enseñanza del yoga para sordos plantea no solo consideraciones traslacionales/linguísticas, sino también perceptivas y de identidad.

Palabras clave: Yoga; Lengua de Señas; Interpretación en Libras; Sordera; Pérdida de la Audición.



INTRODUÇÃO

O yoga é uma tradição milenar que se desenvolveu na região da Índia muitos séculos antes da era comum e que passou a ser disseminada no ocidente principalmente a partir do século XX. Trata-se de um sofisticado sistema de conhecimento que abrange diferentes dimensões da experiência humana: física, mental, emocional, cultural, espiritual. No ocidente, práticas de yoga inseridas em contextos laicos passaram também a ser tomadas como objeto de estudo no meio acadêmico, confirmando por meio de pesquisas (e.g. BARROS *et al.*, 2014; RODRIGUES, 2006) o que os praticantes relatam a partir de sua própria experiência, isto é, uma progressiva melhoria na saúde física, mental e emocional.

Embora existam muitas diferentes tradições e designações sobre tipos de yoga, as mais popularmente conhecidas em nosso contexto ocidental envolvem a realização de posturas, ou *ásanas*. As práticas de yoga para o público surdo promovidas em nosso projeto foram dessa natureza, seguindo a linha da escola Iyengar Yoga, na qual a professora de yoga de nosso projeto, Monica Auga, se formou. Em relação à prática de *ásanas*, o mestre que deu origem a essa escola – B. K. S. Iyengar – assim descreve os seus efeitos na saúde humana:

O *ásana* traz firmeza, saúde e leveza aos membros. Uma postura estável e agradável confere equilíbrio mental e evita a inconstância da mente. Os *ásanas* não são meros exercícios de ginástica; são posturas... [eles] se desenvolveram ao longo dos séculos de modo a exercitar cada músculo, nervo e glândula do corpo. Eles asseguram um físico harmonioso, forte e elástico, que não é restrito por uma musculatura excessiva, e mantém o corpo livre de doenças. Eles reduzem a fadiga e acalmam os nervos. Mas sua importância real reside na maneira como treinam e disciplinam a mente (IYENGAR, 2016, p. 44).

No entanto, apesar da reconhecida importância do yoga já há muitas décadas no ocidente, essa filosofia e prática ainda é pouco conhecida entre os membros da comunidade surda brasileira, tendo em vista a carência de professores de yoga que conheçam a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e possam integrá-la como língua de instrução em suas atividades. Com base nesse contexto, o presente projeto de extensão¹ se propôs a oferecer práticas de yoga para pessoas surdas em libras, em um caráter experimental e reflexivo. O objetivo deste relato de experiência, então, é o de apresentar as principais reflexões emergentes ao longo das práticas em 2019, o primeiro ano de desenvolvimento do projeto.

¹ As práticas de yoga aqui apresentadas são parte de um projeto mais amplo, chamado “Yoga e meditação para todos”, promovido pelo Departamento de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O projeto também envolve práticas de meditação em Libras, grupos de estudo e tradução de materiais escritos ou filmados sobre yoga e meditação, do português e/ou inglês para a Libras.

Para maiores informações, visite nossa página do Instagram (@yogaemeditacaoparatodos) e nosso canal do youtube: <https://www.youtube.com/channel/UC6oUtiDTKPkVwcP-zZFRpYw>.

MATERIAIS E MÉTODOS

Em 2019, ao saber de atividades ligadas ao yoga e meditação que eu vinha promovendo em meu Departamento, a professora Monica, da Associação Brasileira de Iyengar Yoga, procurou-me com a motivação de oferecer práticas de yoga para pessoas surdas. Definimos o calendário de aulas para todas as segundas-feiras, das 15h30 às 17h e decidimos que eu apoiaria as aulas como intérprete de Libras, pois na ocasião a professora Monica ainda estava em processo inicial de aprendizagem da Libras. Para a divulgação das práticas, produzimos um vídeo com janela de interpretação em Libras e postamos em nossas redes sociais, tendo em vista que os vídeos em Libras são a principal forma de circulação de informações em meio à comunidade surda. Em relação ao local da atividade, reservamos o *Espaço de Convivência dos Servidores* do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que nos foi gentilmente cedido pelos servidores do Centro. Todos os materiais que foram utilizados nas práticas (i.e. tapetes, blocos de madeira, cadeira) foram emprestados por membros do *Projeto Yoga Extensão/UFSC*, que também fazia uso desse mesmo local.

As aulas experimentais foram desenvolvidas em uma lógica de *pesquisa-ação* (TRIPP, 2005), envolvendo ciclos semanais de planejamento-realização-avaliação das práticas. Inicialmente, a professora Monica e eu dialogávamos de modo presencial ou virtualmente para antecipar possíveis diferenças que as aulas voltadas ao público surdo poderiam demandar, em comparação com as aulas para o público ouvinte com o qual a professora já estava habituada – considerando-se, cabe lembrar, as especificidades do método Iyengar Yoga que é adotado pela professora. Em seguida, as aulas eram realizadas e nossas impressões sobre a experiência (i.e. tanto sob a perspectiva da interpretação em Libras quanto do ensino de yoga) eram registradas. Por fim, essas reflexões serviam de base para buscarmos novas adequações para os encontros seguintes, ou para consolidar soluções que se mostraram satisfatórias.

RESULTADOS E ANÁLISES

PRIMEIRO CICLO DE PRÁTICAS DE YOGA PARA SURDOS

Realizada entre 6 e 27 de maio de 2019, essa primeira experiência de ensino de yoga para alunos surdos nos fez refletir sobre três aspectos: (a) a possível pertinência de entoar mantras nas aulas; (b) a emergência de sinais específicos para a prática de yoga; e (c) o posicionamento da professora e dos alunos na sala.

A entoação de mantras pode ser pertinente para pessoas surdas?

Antes de iniciarmos o primeiro ciclo de práticas, Monica e eu sentamos para refletir sobre como as aulas de yoga eram tradicionalmente conduzidas por ela e como precisariam ser adaptadas ao público surdo. Um primeiro questionamento que a professora Monica trouxe, então, diz respeito à entoação de mantras.

Todas as aulas de Iyengar Yoga iniciam com o mantra *aum*, seguido da recitação de uma prece de invocação a Patanjali.² Monica e eu ponderamos que a invocação a Patanjali não faria sentido na experiência dos surdos, tanto pelo fato de ser recitada em sânscrito quanto pela necessidade de recitação vocal.³ Por outro lado, depois de refletirmos sobre o mantra *aum* em particular, concluímos que talvez pudesse ser interessante nos mantermos abertos a essa possibilidade por alguns motivos.

Em primeiro lugar, ao contrário da recitação à Patanjali, a entoação *aum* é simples de ser realizada, formada por três sons (a-u-m), cuja articulação consiste tão somente na transição entre a boca aberta (a), entreaberta (u) e fechada (m), não exigindo, portanto, destreza vocal para ser entoada. Segundo, Monica destacou que o mantra *aum* tem um importante papel na preparação sutil, interna, para a prática, e embora a dimensão sonora/auditiva pudesse não ser percebida pelos surdos, ainda assim eles podiam sentir a dimensão proprioceptiva da vocalização por meio de sua vibração. Por fim, cada pessoa surda tem um diferente histórico de contato com práticas vocais, dependendo de terem nascido surdas ou de terem se tornado surdas tardiamente, dos níveis de audição que possuem (leve, moderado, severo ou profundo), de a surdez afetar um ou dois ouvidos, entre outros fatores. Por todos esses motivos, consideramos que alguns alunos poderiam se interessar em realizar essa prática.

Assim, introduzimos o mantra no início das aulas, explicando inicialmente aos alunos as razões que nos levaram a essa decisão e fazendo uma contagem com as mãos (de 1 a 3) para que pudessem sincronizar a sua entoação com a do grupo. Deixamos claro que essa entoação não era obrigatória e que, se preferissem, poderiam apenas permanecer em silêncio, buscando sentir a vibração produzida pela entoação dos demais. Ao final da experiência, a maioria dos alunos

² Patanjali compilou o conhecimento milenar do yoga e o condensou em um conjunto de aforismos que ficou conhecido como *Yoga Sutras*, por volta dos anos 100 da era comum.

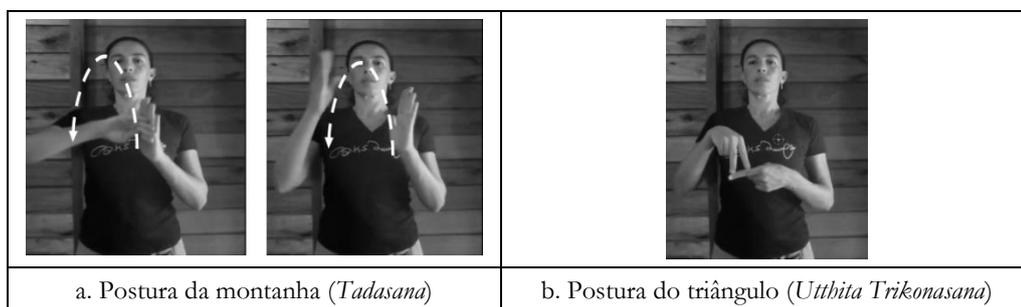
³ É também de nosso conhecimento que práticas de vocalização não são em geral bem recebidas por grande parte das pessoas surdas, particularmente devido ao processo chamado de “oralização” no campo da educação de surdos (para uma discussão crítica, ver por exemplo Lacerda, 1998). Na história da educação de surdos, o movimento em favor da “oralização” tradicionalmente se opôs ao fomento das línguas de sinais, por considerar que a comunicação em línguas orais era superior à comunicação em línguas de sinais. Privados de sua língua de conforto e submetidos a um difícil treinamento fonoaudiológico de articulação vocal e leitura orofacial, nem sempre acompanhado de bons resultados, grande parte das pessoas surdas acabou desenvolvendo uma relação de desconforto em relação a práticas de vocalização.

surdos optou por permanecer em silêncio, com exceção de um deles. Assim, continuamos considerando a possibilidade de que, futuramente, outros alunos surdos eventualmente se interessem por essa prática.

Desenvolvimento de sinais para a prática do yoga

Nas primeiras semanas, começamos a desenvolver um repertório inicial de sinais específicos para o ensino do yoga, seja para alguns ásanas mais trabalhados nesses quatro encontros, seja também para ajustes posturais mais finos que constituem o ásana e que são continuamente indicados pelos professores aos alunos para que possam aprimorar a sua postura. Em relação aos sinais para os ásanas, em muitos casos nos baseamos no significado do nome das posturas em sânscrito como ponto de partida para a tradução, como, por exemplo, a *postura da montanha* e a *postura do triângulo* (Figura 1a e Figura 1b), percebendo que faria muito pouco sentido – pelo menos nesse momento inicial – que os alunos fossem introduzidos aos nomes dos ásanas por meio da soletração manual de palavras em sânscrito.

Figura 1. Sinais para alguns ásanas praticados nos primeiros encontros.



Fonte: elaborado pelos autores.

Uma questão importante na tradução dos nomes dos ásanas para a Libras diz respeito à importância de não ficarmos presos às associações convencionais que fazemos entre os sinais da Libras e palavras do português. Por exemplo, ao pensarmos em um sinal para a “postura do guerreiro” (*Virabhadrasana*), o primeiro sinal que me veio à mente no momento da aula foi o sinal da Libras apresentado na Figura 2a, que remete à ideia de “guerra”. No momento da interpretação, porém, percebi que essa conotação não parecia ser adequada e questionei Monica a esse respeito. Confirmando essa compreensão, Monica ressaltou que o sinal para “guerreiro” nesse contexto não deveria remeter à noção de “guerra”, mas, sim, à noção de uma pessoa que permanece firme e com o peito (ou coração) aberto em face de seus inimigos *internos*, já que o yoga é antes de tudo uma prática de conhecer e aprender a lidar consigo mesmo.

Figura 2. Processo de criação do sinal para a “postura do guerreiro”.



Fonte: elaborado pelos autores.

A partir dessa reflexão, baseando-se em um sinal que remetia a noções de “disputa” e “desafio” (Figura 2b), uma aluna surda propôs uma mudança criativa no parâmetro do movimento desse sinal, produzindo-o não mais “para fora” do corpo, mas em direção ao próprio corpo (Figura 2c), remetendo assim a essa dimensão interna do guerreiro do yoga que desafia a si mesmo. Nunca é demais lembrarmos da importância de irmos além das associações simplistas entre sinais da Libras e palavras no português e de buscarmos traduções que foquem na função dos sinais em seus contextos comunicativos específicos (LEITE *et al.*, 2022).

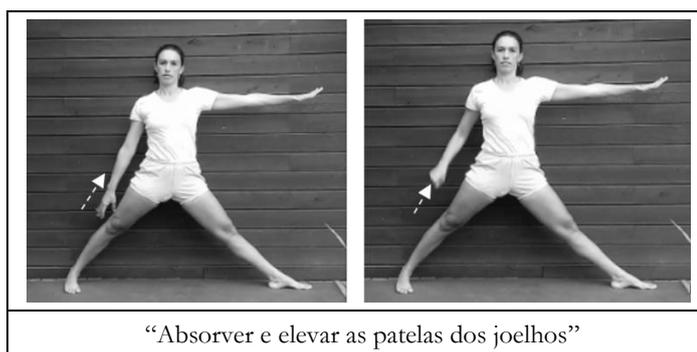
Em relação aos sinais para ajustes posturais, a professora Monica explorou de forma intuitiva gestos manuais e demonstrações com o corpo para se referir a ações corporais, como, por exemplo, a ação de “absorver e elevar as patelas do joelho” (Figura 3). Por vezes, esses “gestos” também eram oferecidos como sugestões pelos próprios alunos surdos. Então, na medida em que essas produções seguiam os princípios de boa formação de sinais nas línguas de sinais (BATTISON, 1978)⁴ e na medida em que passavam a ser empregadas de forma recorrente

⁴ Battison (1978) demonstra que os sinais convencionais das línguas de sinais não podem ser realizados de qualquer modo, diferentemente de gesticulações improvisadas que variam de uma situação para outra de maneira *ad-hoc*. Assim como em qualquer língua natural, os sinais são submetidos a restrições linguísticas que vão determinar o modo como serão estruturados nas diferentes línguas de sinais. Battison destaca que os sinais podem ser realizados com uma ou com duas mãos. Ambos exploram apenas as configurações de mão convencionais que constituem o repertório de uma dada língua de sinais e, no caso de o sinal envolver duas mãos, os sinais tendem a obedecer ao que ele denomina *condição de simetria* e a *condição de dominância*. O gesto intuitivo apresentado na Figura Fonte: elaborado pelos autores.

O ensino de yoga para pessoas surdas mediado por interpretação em Libras

nas aulas, elas tornavam-se convencionais e passavam a adquirir o estatuto de um “sinal” específico da Libras, não mais um “gesto” cuja forma e sentido estivesse restrita apenas à situação comunicativa na qual emergiu. Esse processo de lexicalização do gesto (KLIMA e BELLUGI, 1979) era evidente quando novos alunos se juntavam à turma e, em muitos casos, necessitavam de esclarecimentos sobre o significado desses neologismos, tendo em vista que o seu âmbito de circulação ainda estava restrito ao contexto dessas aulas de yoga.

Figura 3. Um gesto manual que se tornou um sinal convencional ao longo das práticas.

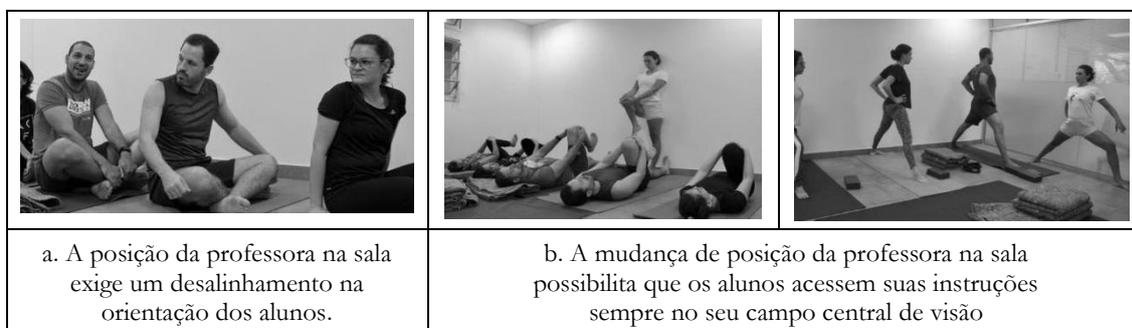


Fonte: elaborado pelos autores.

Posicionamento da professora e dos alunos na sala

Em relação à dinâmica da interação entre a professora e os alunos, Monica relata ter gradualmente sentido a necessidade de se mover mais pela sala do que fazia habitualmente, de modo a manter o contato visual com os alunos surdos. Por força do hábito, tanto a professora quanto eu iniciamos os encontros permanecendo na frente da sala, enquanto os alunos por vezes realizavam a postura voltados para outra direção. Isso exigia que eles frequentemente desalinhassem a orientação de sua face e de seu olhar durante a realização dos ásanas ou para receber instruções (Figura 4a).

Figura 4. O posicionamento da professora na aula de yoga.



Fonte: elaborado pelos autores.

é um exemplo de produção manual que, por não violar os princípios de boa formação dos sinais, tem o potencial de se estabelecer como um signo linguístico convencional da Libras, desde que seja utilizado regularmente.

O ensino de yoga para pessoas surdas mediado por interpretação em Libras

Monica e eu então começamos a nos mover mais pela sala, de modo que o grupo de alunos pudesse observar a professora no seu campo central de visão (Figura 4b). Essa questão difere da dinâmica de aulas com alunos ouvintes, que podem acessar as instruções da professora auditivamente, sem precisar necessariamente voltar o seu rosto e olhar para ela.

AULÃO ABERTO NO DIA INTERNACIONAL DO YOGA

O aulão aberto de celebração ao Dia Internacional do Yoga foi realizado no dia 19 de junho de 2019 na praça em frente à reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina. Diferentemente do nosso primeiro ciclo de práticas, esse aulão não foi um evento promovido com um olhar específico para as pessoas surdas, pois foi planejado e conduzido por uma professora de yoga que ainda não tinha tido contato com esse público. Sabendo disso, Monica e eu nos envolvemos nesse aulão buscando encontrar estratégias para integrar a dinâmica dos alunos surdos com a dinâmica do restante do grupo.

Foram dois os alunos surdos que compareceram ao aulão, um deles já participante de nossos encontros em maio e uma outra aluna nova. Enquanto a professora ministrante conduzia o grupo como um todo, Monica e eu nos posicionamos de frente para os alunos surdos, para dar orientações específicas a eles (Figura 5a).

Figura 5. Alunos surdos praticando ásanas no aulão que envolveu também alunos ouvintes.



Fonte: elaborado pelos autores.

Nesse dia, ficou evidente para mim a incompatibilidade entre aquele tipo de aula, pensada para um público ouvinte, e as necessidades dos alunos surdos. Ao longo da aula, a professora introduzia as posturas e, enquanto os alunos as realizavam, ela discorria sobre a filosofia por trás de cada ásana ou do yoga de modo geral. De forma um tanto automática, iniciei a aula interpretando tudo o que a professora falava durante a realização dos ásanas, inclusive as suas reflexões filosóficas. Em certo momento, porém, percebi que exigir das pessoas surdas atenção e orientação visual sobre essas reflexões filosóficas durante os ásanas era inviável. Além de ser incongruente com a disposição física de seus corpos (por exemplo, quando estavam com a face e o olhar orientados horizontalmente, como na postura *Uttitha Trikonasana* na Figura 5b), eu

sentia que a minha fala retirava deles a possibilidade de direcionarem a atenção ao próprio corpo durante o ásana.

Em determinado momento, optei por interromper a interpretação do discurso da professora sempre que os alunos surdos praticavam seus ásanas, retomando a interpretação nos momentos de transição entre as posturas, quando a professora se dirigia aos alunos sem que nenhum ásana fosse realizado. Confesso que também me senti desconfortável com essa opção, pois ficava claro que em muitos momentos havia um longo discurso sendo proferido pela professora, mas não traduzido; e muitas vezes os momentos em que eu retomava a tradução careciam de coerência, tendo em vista a minha opção por interromper o discurso durante a realização dos ásanas. Assim, a experiência do aulão reforçou a nossa percepção de que precisaríamos continuar trabalhando com as pessoas surdas para entendermos mais profundamente as suas necessidades, antes que a professora pudesse integrar alunos surdos e ouvintes em uma única aula de yoga de maneira igualitária.

SEGUNDO CICLO DE PRÁTICAS DE YOGA PARA SURDOS

O segundo ciclo de práticas, realizado de 16 de setembro a 6 de dezembro de 2019, nos fez refletir sobre três outros aspectos relativos ao ensino de yoga para surdos: (a) a busca de adaptação dos métodos comunicativos da professora ao introduzir ajustes posturais; (b) a sincronização entre o início e término dos ásanas pela turma de alunos; e (c) a nossa busca por ampliar a interação direta entre a professora e os alunos.

Adaptação de métodos comunicativos para introduzir ajustes nos ásanas

No método do Iyengar Yoga, há uma grande ênfase no direcionamento da atenção do aluno para uma série de ações corporais que devem ser integradas na realização do ásana. Em aulas com pessoas ouvintes, o professor explora os canais visuais e auditivos para realizar essa tarefa. Ao mesmo tempo em que demonstra uma postura aos alunos com todo o corpo, o professor oferece instruções verbais em português de forma complementar; além disso, quando os alunos estão praticando os ásanas, eles continuam recebendo descrições verbais (vocais) do professor de modo a ir realizando os ajustes necessários. Assim, há uma combinação particular de métodos comunicativos (CLARK, 1996) que integra simultaneamente o canal visual (i.e. a demonstração do ásana) e o auditivo (i.e. a descrição verbal se referindo às partes do corpo e às ações específicas que elas devem realizar).

Em nossas aulas com o público surdo, essa dinâmica comunicacional necessitava de adaptação pelo fato de estarmos nos ancorando sobre o canal visual, sem o apoio do canal

sonoro. Assim, Monica se questionava em que medida poderia descrever verbalmente (i.e. por meio de sinais⁵) as ações corporais a serem realizadas na prática de um ásana, dado que tanto os ásanas quanto os sinais das línguas de sinais exigem o engajamento de mãos e braços.

A Figura 3 introduzida anteriormente mostra um exemplo desse processo ocorrendo, pois Monica “abandona” a ação do braço direito, que deveria estar estendido horizontalmente tal como o esquerdo, para produzir a descrição verbal (manual) referindo-se à ação de “absorver e elevar as patelas do joelho”. Para Monica, porém, o grande desafio era como realizar essas instruções em posturas em que as mãos e braços sustentam integral ou parcialmente o corpo, como, por exemplo, a postura *Adho Mukha Svanásana* (Figura 6).

Figura 6. Exemplo de ásana no qual ambos os braços e mãos sustentam o corpo.



Fonte: elaborado pelos autores.

Diante dessa dificuldade, sempre que havia necessidade de oferecer instruções com base em descrições verbais, Monica tendia a se apoiar mais sobre a minha interpretação. Isso ocorria por vezes enquanto ela demonstrava o ásana, e por vezes ao término de uma sequência de prática dos alunos, quando ela queria apontar para eles alguns erros comuns observados. Essa última estratégia se mostrou a mais problemática. Isolada do contexto da demonstração do ásana, que estabelecia um referencial visual para as partes do corpo designadas e para os movimentos que elas deveriam realizar (i.e. “para frente”, “para a direita” etc.), eu não possuía os recursos necessários para traduzir essas ações corporais de maneira compreensível. Aos poucos, percebemos que a adaptação das aulas para o público surdo não envolvia apenas traduzir do português para a Libras, mas também considerar os modos perceptuais como os surdos se relacionam com o mundo e os métodos comunicativos mais adequados para eles.

Na outra circunstância mencionada, em que Monica demonstrava o ásana e oferecia instruções verbais simultaneamente, percebi que a melhor forma de interpretar seria me

⁵ A linguística e a semiótica tradicionalmente associam a palavra (vocal) com a *linguagem verbal* e os gestos (manuais) com a *linguagem não-verbal*. Contudo, a partir dos estudos das línguas de sinais e do reconhecimento de que os sinais também se estruturam em múltiplos níveis linguísticos, compreendemos que o que define a linguagem como sendo verbal ou não-verbal não é o canal de sua manifestação (vocal vs. manual), mas, sim, a presença ou ausência de propriedades linguísticas no signo, independentemente do seu canal perceptual (para uma discussão detalhada sobre o estatuto verbal das línguas de sinais, ver Leite, 2021).

posicionando atrás de Monica, produzindo descrições verbais por meio de sinais ou, na ausência de sinais específicos, simplesmente apontando para as partes do corpo da professora e indicando a direção de suas ações, ao mesmo tempo em que Monica as realizava. Essa solução, isto é, a de me posicionar atrás de Mônica para interpretá-la enquanto ela realizava o ásana, nos pareceu funcionar melhor. Ela tornou mais fácil também para os alunos receberem instruções verbais enquanto eles próprios praticavam as posturas, visto que alternar o olhar entre a professora (demonstrando o ásana) e eu (interpretando as instruções) era bem menos demandante quando eu me posicionava atrás dela do que quando eu me posicionava ao seu lado.

Outra estratégia adotada pela professora para indicar ajustes nos ásanas foi a de se aproximar dos alunos para tocá-los, indicando que o aluno surdo voltasse a sua atenção para aquela região e para a sua ação correspondente – um método comunicativo comum também no ensino de yoga para o público ouvinte. Curiosamente, notei que essa estratégia quase sempre levava os alunos a interromperem a sua postura para se orientarem visualmente à professora Monica, ao invés de simplesmente realizarem as ações corporais previamente explicadas. Ocorreu-me que isso pudesse estar acontecendo pelo fato de que os toques no corpo, na cultura dos surdos, são empregados com a função de pedir a atenção do interlocutor durante uma interação (HALL, 1989), o que corresponde ao tipo de resposta que eles davam. Por esse motivo, mais tarde a professora explicou aos alunos que, no momento de realização dos ásanas, aqueles toques deveriam ser interpretados não para que eles interrompessem o ásana e se orientassem visualmente para ela, mas, sim, para que se lembrassem das ações corporais previamente ensinadas e as realizassem.

A sincronização do início e término das posturas pelo grupo de alunos

Um desafio que Monica identificou na condução da aula para o grupo de alunos surdos dizia respeito a como indicar para toda a turma quando uma postura deveria ser encerrada, no caso de ásanas em que o olhar dos alunos ficava direcionado para o chão e, desse modo, não era possível para ela entrar no campo de visão direta dos alunos – como, por exemplo, na postura *Adho Mukha Svanásana* apresentada na Figura 6 acima. Uma solução encontrada por Monica foi a de adotar uma prática comum na cultura dos surdos em contextos de interação envolvendo muitas pessoas: a de acender e apagar as luzes da sala. Assim, ela começou a apagar e acender as luzes sempre que necessitava indicar o fim da postura, seja para que os alunos retornassem ao repouso, seja para que fizessem a transição de um ásana para o outro dentro de uma dada sequência.

Ao refletir sobre essa solução, porém, Monica ponderou que talvez não fosse a melhor maneira de resolver a questão – considerando, por exemplo, casos em que a turma envolvesse tanto alunos surdos quanto ouvintes, quando uma prática fosse realizada em um local aberto etc. Essas considerações levaram Monica a conceber, com a colaboração de um colega, a criação de um prop (i.e. um material de apoio) para os alunos surdos, envolvendo uma caixinha que poderia ficar próxima ao aluno e ser acendida e/ou apagada por meio de um controle remoto comandado pela professora (Figura 7).

Figura 7. Caixa de luz que pode ser utilizada para sincronizar as transições entre posturas dos alunos surdos.



Fonte: elaborado pelos autores.

Promovendo a interação direta entre a professora e os alunos

Desde o início do projeto, Monica manifestou como era importante para ela poder contar com a colaboração de um intérprete de Libras para dar início ao projeto; ao mesmo tempo, também deixou claro que precisávamos pensar em estratégias para alavancar a sua aprendizagem da Libras, de modo que um dia ela pudesse se comunicar diretamente com os alunos surdos, sem necessidade de mediação. De fato, consideramos a aprendizagem de Libras pelas pessoas ouvintes um passo crucial no estabelecimento da confiança junto à comunidade surda, bem como no aprofundamento de nossa compreensão sobre o modo como as pessoas surdas percebem e se relacionam com o mundo.

Para atender a essa demanda, começamos explorando vídeos em Libras em um grupo de troca de mensagens que criamos para comunicação entre os participantes. Quando os alunos enviavam vídeos, eu ajudava Monica explicando partes do texto que ela não compreendia; em outros casos, eu fazia registros dos sinais desenvolvidos nas aulas para que ela pudesse gradualmente incorporá-los durante as aulas. Além disso, um dos alunos surdos se prontificou a contribuir para a aprendizagem de Monica por meio de sessões de conversação livre em Libras, uma hora antes do início das aulas. Essa troca colaborativa entre os participantes do projeto iniciou em setembro e se estendeu até o final das práticas em dezembro de 2019.

A progressiva familiarização da professora com a Libras tornou-se mais relevante quando Monica começou a introduzir ásanas em sequências, e quando os alunos também começaram a se familiarizar mais com essas posturas, o que tornou as aulas mais fluidas. Nesse momento, a minha mediação como intérprete começou a diminuir gradativamente, favorecendo a interação direta entre a professora e os alunos. Essa mudança foi recebida positivamente por Monica, que relatou como a nova dinâmica a estimulava na busca de novas formas para se comunicar com eles, além de possibilitar que exercitasse mais os sinais que já faziam parte de seu repertório. Também relatou que os alunos passaram a se comunicar mais com ela, muitas vezes corrigindo os seus sinais quando percebiam que não eram adequados.

Na medida em que minha atividade de interpretação diminuía, dei-me conta também de que a minha postura na aula deveria mudar, particularmente nos momentos em que a interpretação não era requisitada. Inicialmente, eu simplesmente permanecia observando a professora e os alunos durante todo o decorrer da aula, mas na medida em que a interpretação se tornou mais esporádica, concluí que a melhor postura seria a de não ficar observando os alunos, assumindo que não seria do agrado de nenhum deles ter uma pessoa observando-os enquanto realizavam os ásanas. Quando me dei conta disso, optei por utilizar os meus momentos sem interpretação para permanecer sentado em silêncio, com o olhar voltado para baixo, somente me orientando novamente para o grupo quando Monica requisitava a minha interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontrar uma maneira apropriada de se comunicar com os surdos no ensino do yoga foi o que motivou nossas reflexões ao longo dos encontros. Notamos, é claro, que questões tradutórias/linguísticas tais como a necessidade de um vocabulário especializado e a emergência de sinais foram parte importante da experiência; mas também notamos a relevância de questões que vão além da tradução de vocabulário e gramática. O posicionamento da professora na sala, a adaptação de métodos comunicativos (i.e. as formas de combinar descrições verbais, apontamentos e demonstrações dos ásanas) e a sincronização da prática entre os alunos do grupo estão relacionadas ao modo essencialmente visual de o surdo perceber o mundo. Além disso, a possibilidade de entoação oral de mantras evoca, além da questão perceptual de sentir a vibração, questões afetivas e identitárias sobre como os surdos se relacionam com o uso da voz. Por fim, a busca de interação direta entre a professora e os alunos diz respeito ao que consideramos ser uma questão ética, de demonstração de interesse da professora pelo universo das pessoas surdas, o que nos parece importante para a compreensão não apenas de sua língua, mas também de seu modo de habitar o mundo.

Ao recebermos os alunos surdos nas aulas, muitos relatos de suas experiências prévias com o yoga nos pareceram desconcertantes. Por exemplo, em uma aula experimental, uma das alunas relatou seu constrangimento quando um professor pediu que permanecesse de olhos fechados em uma determinada postura, e quando ela abriu os olhos se deu conta de que toda a turma estava realizando uma nova postura sem que ela tivesse sido avisada. Para outra aluna, uma professora chegou a dizer que não seria possível acolhê-la no grupo porque elas não teriam como se comunicar. Alguns alunos acreditavam que o yoga só poderia ser praticado com música ou com instruções guiadas oralmente, porque era assim que viam muitas práticas na internet.

Ao término do ano, pudemos avaliar o impacto do projeto entre os participantes surdos ao coletarmos depoimentos para saber como receberam essa nova experiência. Um dos alunos, por exemplo, disse que já há muito tempo praticava atividades físicas e se considerava uma pessoa com um bom condicionamento físico, até que as aulas de yoga o fizeram descobrir o quão rígido estava, trazendo a sua atenção para partes do corpo as quais ele nunca antes havia percebido. Outro aluno comentou que sempre fez academia e *crossfit* com a mente distraída, mas que nas aulas de yoga percebeu a importância de estar com a sua mente conectada ao corpo em quaisquer práticas em que ele estivesse envolvido. Outra aluna mencionou que a interpretação em Libras possibilitou a ela compreender mais sobre a filosofia do yoga, demonstrando surpresa pela visão e história por trás de alguns *ásanas* e despertando um maior interesse pelo conhecimento do yoga de modo geral.⁶

Desse modo, entendemos que o projeto, ainda que pequeno em termos quantitativos, possibilitou oferecer uma experiência significativa sobre o yoga para aqueles que se engajaram nas práticas semanais. Além disso, proporcionou a construção de um conhecimento que consideramos relevante tanto para professores de yoga quanto para intérpretes de Libras – particularmente para aqueles que, como nós, querem contribuir para estabelecer novas pontes entre a filosofia e a prática do yoga e a vida das pessoas surdas.

Lokah samastah sukshino bhavantu... Que todos os seres sejam felizes e livres...

AGRADECIMENTOS

Renata Apgaua Britto, por mediar o diálogo com os servidores do CFH; o projeto *Yoga Extensão da UFSC*, pelos materiais cedidos para as práticas; *Victor Hugo Sepúlveda da Costa*, pelas práticas de Libras oferecidas à professora; *Ana Gabriela Dutra*, por atuar como intérprete em algumas aulas; *Julia Amaro*, pelas fotos das figuras 4 e 5; e *Alexandre Nuernberg*, pela criação da caixinha de luz.

⁶ O vídeo com esses depoimentos em Libras pode ser encontrado no facebook do primeiro autor, acessando o link: <https://www.facebook.com/100002703400841/videos/1899500220150073/>.

REFERÊNCIAS

BARROS, N. F. de; SIEGEL, P.; MOURA, S. M. de; CAVALARI, T. A.; SILVA, L. G. da; FURLANETTI, M. R.; GONÇALVES, A. V. Yoga e promoção da saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 19, n. 4, p. 1305-1314, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4ZSqeXDmvfXGtbSkB8hw73v/?lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2021.

BATTISON, R. **Lexical borrowing in American SignLanguage**. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1978.

CLARK, H. H. Signaling. In: **Using language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 155-188.

HALL, S. Train-gone-sorry: The etiquette of social conversation in American Sign Language. In: WILCOX, S. (org.). **American deaf culture**. Burtonsville, MD: Linstok Press, 1989. p. 89-102.

IYENGAR, B. K. S. **Light on yoga: Yoga Dipika**. India: Harper Collins. Forty Sixth edition [2014], 1966.

KLIMA, E; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harward University Press, 1979.

LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Caderno CEDES [online]**, Campinas. v. 19, n. 46, p. 68-80, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wWScZsyPFR68rsh4FkNNKyr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 dez. 2021.

LEITE, T. de A. Reflexões terminológicas no campo da linguística (das línguas de sinais). In: REIS, L. da S; FIGUEIREDO, A. A. de A. (org.) **Línguas de sinais de um continente a outro: Atualidades linguísticas, culturais e de ensino**. Campinas, SP: Pontes, 2021, p. 187-214.

LEITE, T. DE A.; AMPESSAN, J. P.; BOLDO, J.; TASCA LOHN, J.; AZEVEDO, G. S. DE O. Semântica lexical na libras: Libertando-se da tirania das glosas. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 2, p. 1-23, 22 mar. 2022.

QUADROS, R. M. (org.) **Letras libras: Ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/letras-libras-ontem-hoje-e-amanha/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

RODRIGUES, R. M. (org.). **Estudos sobre o yoga**. São Paulo: Phorte, 2006.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

Recebido em: 04/05/2021

Aceito em: 15/03/2022